

NORA SAKAVIC



# O REI CORVO

TUDO PELO JOGO

LIVRO 2

SECRET  
SOCIETY



**SECRET SOCIETY**

**TRIGGER WARNINGS**

Abuso e violência sexual

Alcoolismo, drogas

e abuso de medicamentos

Ansiedade e pânico

Automutilação

Bullying

Capacitismo

Homofobia

Internamento

psiquiátrico

Linguagem explícita

Morte

Não-consentimento

Suicídio

Tortura

Trauma

Violação

Violência

**SECRET SOCIETY**

MENCIONADOS

MAS NÃO DESCRITOS:

Abuso sexual de crianças

Crueldade animal

Pedofilia

## AVISO DE CONTEÚDO

Esta série lida com muitos conteúdos que podem ser sensíveis para algumas pessoas, por isso queremos ter a certeza de que consultaste bem a listagem de trigger warnings no início deste livro.

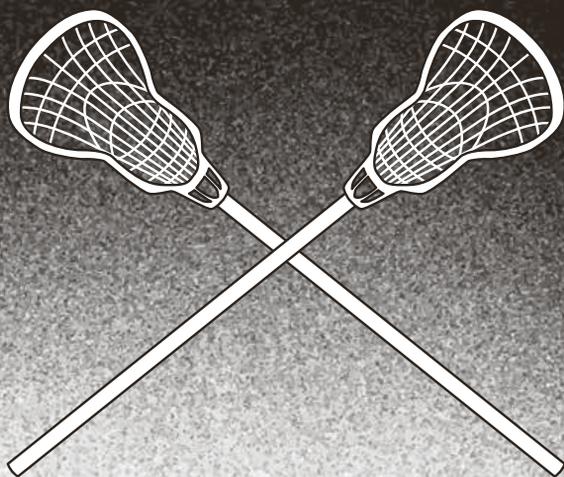
Desta vez, optámos por incluir trigger warnings que abrangem a série toda, em vez de apenas este volume. Consideramos importante que saibas o tipo de temas que podem surgir mais à frente e assim te possas preparar para ler sobre eles. Incluímos também uma listagem de temas que são mencionados, mas não descritos de forma gráfica.

Põe sempre a tua segurança psicológica e emocional em primeiro lugar.

Boa leitura... and take care!

*Inês Rôlo Martins*

A Executive Seeker da Secret Society



## CAPÍTULO UM

**L**á fora parecia o Dia das Bruxas, só que dois meses antes de tempo. Na semana anterior, a Universidade Palmetto State tinha estado coberta de serpentinas cor de laranja e brancas para festejar o início do ano letivo. Durante o fim de semana, alguém tinha substituído todas as fitas brancas por fitas negras. O campus parecia estar de luto. Neil Josten achou aquela homenagem um pouco reles, mas talvez fosse o seu cinismo natural a falar.

Perdoou-se por estar farto. Aos 18 anos, já quase perdera a conta às pessoas que tinha visto morrer. A morte era sempre desagradável, mas a dor que ela lhe despertava no peito já era familiar e tolerável. A inesperada overdose de Seth Gordon no sábado à noite devia tê-lo afetado mais, uma vez que eram colegas de equipa e de casa há três meses, mas Neil não sentiu nada. Manter-se vivo já era suficientemente difícil a maior parte dos dias; não tinha tempo para remoer a desgraça alheia.

O rádio berrou música rock, que preencheu temporariamente o silêncio no carro, mas foi prontamente extinta. Neil desviou a



sua atenção das serpentinas e olhou em frente. Nicholas «Nicky» Hemmick afastou a mão do tabliê com um palavrão contido. Na outra ponta do banco de trás, o primo de Nicky, Aaron Minyard, deu uma pancada nas costas do banco do condutor. Neil não percebeu se se trataria de uma repreensão por ele tentar fingir que estava tudo bem ou uma demonstração silenciosa de apoio. A relação entre os dois primos era demasiado confusa para ele tentar sequer perceber.

Nicky levou novamente a mão ao rádio. Kevin Day estava sentado à frente, por isso foi o primeiro a detetar o gesto do condutor. Empurrou rapidamente a mão de Nicky e disse:

— Está tudo bem. Esquece.

— Não quero fazer isto — disse Nicky, num tom de voz baixo e triste.

Ninguém lhe respondeu, mas Neil pensou que todos estavam de acordo. Nenhum deles estava particularmente ansioso pelo treino daquele dia, mas não podiam tirar muito tempo de folga quando a época já estava a decorrer. Pelo menos, o treinador David Wymack tinha-os convocado numa quarta-feira à tarde. Andrew Minyard, o irmão gémeo de Aaron, tinha as suas sessões semanais de terapia às quartas-feiras.

Por norma, o temperamento instável de Andrew não era um problema, mas o seu entusiasmo não o tornava de todo amigável. Um Andrew irrequieto, confrontado com a morte do colega de equipa de quem menos gostava, era desastre na certa. A equipa devia ter-se reunido no domingo de manhã para fazer o luto, mas, em vez disso, Andrew e Matt envolveram-se numa briga feia.

Depois disso, Wymack foi forçado a separar a equipa. Os veteranos foram viver com a enfermeira da equipa, Abby Winfield, e os primos e Kevin foram recambiados para o dormitório. Neil também teria ficado no dormitório, mas Wymack não o



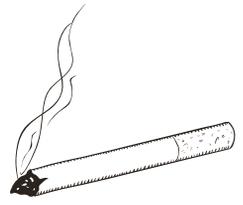
queria sozinho no apartamento que tinha partilhado com Matt e Seth. Em vez disso, dormiu algumas noites no sofá de Wymack. Neil achava que a preocupação do treinador era despropositada, mas sabia que era escusado discutir.

Seth morreu no sábado à noite e foi cremado na segunda-feira à tarde. Pelo que Neil soube, a mãe de Seth autorizou tudo, mas nem sequer apareceu no crematório para recolher as cinzas do filho. Em vez disso, Allison Reynolds, a namorada ocasional de Seth e pivô defensiva das Raposas, ficou com a urna. Neil não sabia se tencionava enterrá-la ou mantê-la no quarto durante o resto do ano, mas não tencionava perguntar. Ainda não tinha a certeza sobre o papel que ele próprio poderia ter desempenhado na morte de Seth. Até ter isso bem resolvido, preferia evitá-la.

Allison não estaria hoje no treino, mas os outros sim. Neil não via os veteranos desde domingo de manhã e sabia que a reunião seria dura. Mas faltavam apenas dois dias para o segundo jogo da época e a equipa tinha de se unir de alguma forma. As Raposas nunca tinham tido boas hipóteses, mas a coisa parecia ainda mais feia este ano. Já tinham o plantel mais reduzido de todas as equipas de Exy de Classe I da NCAA. Agora, só contavam com o número mínimo de jogadores admissível para participarem no campeonato. Tinham perdido o único veterano de 5.º ano e a restante equipa de ataque era composta por um campeão nacional lesionado e um amador.

A cor laranja sobressai no limite da sua visão periférica. Era difícil ignorar o estádio da Palmetto State, construído para acolher 65 mil adeptos e pintado com as cores laranja e branca mais brilhantes que a universidade conseguiu encontrar. Patas de raposa gigantes adornavam cada uma das quatro paredes exteriores. Até ali havia fitas pretas. Todos os postes de iluminação dos parques de estacionamento e os 24 portões estavam cobertos de serpentinhas. A entrada das Raposas estava tapada por uma





homenagem silenciosa. Havia fotos de Seth com amigos e bilhetes rabiscados pelos professores estavam colados à porta.

Nicky encostou o carro à berma, mas não desligou o motor. Neil saiu do banco de trás e olhou por cima do capô para contar os carros-patrolha. A presença de Kevin na equipa significava que as Raposas precisavam de ter segurança a tempo inteiro, mas o número de efetivos tinha duplicado no verão, quando a antiga equipa de Kevin se tinha transferido para o distrito sudeste. Neil começava a habituar-se a ver segurança por todo o campus, mas iria sempre sentir desprezo por eles.

Nicky arrancou assim que Aaron e Kevin saíram do carro. Não valia a pena mudar de roupa para o treino já, pois teria de ir buscar Andrew ao Reddin Medical Center dentro de meia hora. Neil viu o carro a sair do parque de estacionamento e olhou para os seus colegas.

Não era segredo que os quatro membros do pequeno bando de Andrew odiavam Seth, mas Aaron e Nicky ainda eram suficientemente humanos ao ponto de ficarem abalados com a sua morte súbita. A reação inicial de Kevin à notícia tinha sido insensível, mas, verdade seja dita, na altura ele estava podre de bêbado. Neil não sabia se teria ganhado alguns remorsos desde que ficara sóbrio.

Neil estava curioso para saber qual dos dois colegas desistiria da apatia primeiro, mas a sua paciência também tinha limites. Quando passaram 30 segundos sem que nenhum deles se mexesse, Neil desistiu e dirigiu-se à entrada das Raposas. O código deveria ser alterado de dois em dois meses, mas com os Corvos no seu distrito, Wymack passara a mudá-lo todas as semanas. Esta semana eram os últimos quatro algarismos do número de telefone de Abby. Neil começava a pensar que os colegas tinham razão quando falavam de um relacionamento invisível entre o treinador e a enfermeira.



Seguiram em fila pelo corredor até ao balneário. A porta estava destrancada e as luzes estavam acesas no interior, mas a sala estava vazia. Neil foi investigar enquanto Aaron e Kevin se instalavam. Um corredor ligava a sala de estar ao átrio, a sala oficial onde as Raposas podiam falar com a imprensa antes e depois dos jogos. A porta na parede ao fundo do átrio, que dava para o estádio, continuava trancada. Neil recuou para a zona dos balneários e dos gabinetes. A porta do gabinete de Wymack estava fechada, mas conseguia ouvir a voz abafada do treinador através da madeira. Satisfeito por ver que não estava ali ninguém que não devesse estar, Neil voltou para junto dos outros.

Aaron e Kevin estavam a mudar os móveis de lugar quando Neil entrou. Ficou a vê-los empurrar as cadeiras e os sofás em forma de V, e por fim perguntou:

— O que estão a fazer?

— A arranjar uma nova configuração para cabermos todos — disse Aaron. — A menos que queiras ficar a olhar para uma cadeira vazia durante toda a época.

— É o mesmo número de almofadas — constatou Neil.

— Quatro pessoas mal cabem num sofá. Cinco está fora de questão.

— Cinco?

Kevin olhou para ele como se fosse estúpido. Neil já conhecia de cor aquele olhar de desdém, mas mesmo depois de quatro meses de trabalho com Kevin, continuava a detestá-lo.

— Tu sabes qual é o teu lugar, não sabes? — perguntou Kevin.

Até sábado à noite, Neil nunca tinha tido sido estúpido ao ponto de achar que tinha um lugar. Andrew prometeu que podia mudar isso, mas a sua proteção tinha um preço. Ele protegeria Neil do seu passado se este o ajudasse a manter Kevin na Palmetto State. Parecia fácil o suficiente, mas Nicky avisou-o de que as aparências iludem. Neil devia fazê-lo estando inserido



no grupo disfuncional de Andrew. Já não podia mais esconder-se à margem.

Olhou novamente para a nova configuração da sala de estar e compreendeu. Durante o verão, os quatro do bando de Andrew tinham-se espremido todos num só sofá. Agora, podiam espalhar-se, três no sofá e dois nas cadeiras de cada lado. Os restantes veteranos ficariam com o sofá e a cadeira em frente a eles.

Neil avançou para a cadeira da ponta, já que tinha ficado sempre com o lugar de fora, mas Aaron antecipou-se. A sua hesitação perante o gesto suscitou uma explicação por parte do colega.

— Vais ficar no sofá com o Kevin e o Andrew. Senta-te.

— Não gosto de ficar encurralado — disse Neil —, e não quero sentar-me ao lado do teu irmão.

— O Nicky aguentou durante quase um ano — disse Aaron. — Não vais morrer por isso.

— Vocês são família — ressaltou Neil, ciente de que isso não significava nada para eles. Wymack só recrutava atletas de lares desfeitos. Na Toca das Raposas, «família» era uma fantasia inventada para tornar os livros e os filmes de Hollywood mais interessantes. Neil percebeu de imediato que seria uma batalha perdida, por isso sentou-se no lugar que Aaron lhe atribuíra.

Kevin sentou-se logo a seguir a Neil, deixando espaço entre eles para Andrew. Neil olhou novamente em volta da sala e imaginou como é que os veteranos se iriam adaptar à nova disposição. O seu olhar recaiu sobre o horário de grandes dimensões pendurado por cima da televisão e sentiu um nó no estômago quando viu a lista. Sexta-feira, 13 de outubro, o dia em que as Raposas, os últimos do ranking, enfrentariam os primeiros, os Corvos da Universidade Edgar Allan. Seria um desastre na certa.

A porta do gabinete de Wymack abriu-se ao fundo do corredor, mas, meio segundo depois, o telefone começou a tocar. Wymack não se deu ao trabalho de voltar a fechar a porta antes de atender.



Pelo que Neil conseguiu ouvir, alguém estava a dar na cabeça do treinador por ter um plantel tão reduzido. A irritação óbvia de Wymack tornava as suas garantias pouco convincentes, mas Neil sabia que ele acreditava naquilo que estava a dizer. Para ele, era indiferente contar com nove ou com vinte e cinco Raposas. Apoiaria os seus jogadores até ao fim.

Wymack ainda estava a falar quando a porta da sala se abriu. A capitã Danielle Wilds foi a primeira a entrar, mas o seu namorado Matt Boyd e a sua melhor amiga Renee Walker surgiram logo atrás. Deram alguns passos antes de pararem.

Dan apontou para Neil, mas ficou a olhar para Kevin.

— O que se passa aqui?

Foi Aaron quem respondeu:

— Sabes bem o que significou ele ter saído connosco no sábado à noite.

Wymack pousou o telefone com força. Neil ficou sem saber se a discussão tinha mesmo terminado ou se ele tinha aproveitado a chegada de mais Raposas como desculpa para desligar o telefone. Alguns segundos depois, entrou na sala e seguiu o dedo de Dan até Neil. Olhou para ele, para Kevin, para Aaron, depois para a nova disposição da sala e, por fim, novamente para Neil.

— Da última vez que o vi, o Andrew não gostava de ti.

— E ainda não gosta — disse Neil, mas não se deu ao trabalho de explicar.

— Interessante. — Wymack olhou para Neil durante alguns instantes antes de se virar para os veteranos. — Sentem-se, sim? Temos de falar. — Encostou-se ao centro de entretenimento e esperou que todos se instalassem. Cruzou os braços sobre o peito e estudou cada uma das suas Raposas. — A Abby escreveu-me algumas palavras para vos dizer esta tarde. Um discurso muito jeitoso, com muitas coisas sobre coragem, perda e união em momentos difíceis. Rasguei-o e atirei-o para o caixote do lixo que está ao lado da minha secretária.



» Não estou aqui para vos oferecer palavras simpáticas e palmadinhas nas costas. Não estou aqui para ser um ombro onde possam chorar. Para isso, falem com a Abby ou vão até Reddin e falem com a Betsy. O meu papel é ser o vosso treinador, aconteça o que acontecer; é fazer-vos seguir em frente e levar-vos de volta ao campo, quer estejam preparados quer não. Provavelmente, isso faz de mim o mau da fita, mas é comer e calar.

Wymack olhou para as cadeiras vazias à sua frente. A equipa de Exy da Palmetto State ia já no seu quinto ano. Ele tinha construído as Raposas de raiz e escolhido Seth para integrar a sua primeira equipa titular. Entre os problemas pessoais dos jogadores, um contrato original mal-amanhado que permitia a saída dos jogadores sem entraves e a opção de se formarem em cinco anos em vez de quatro, Seth tinha sido o único que tinha chegado ao quinto ano com a equipa. Podia ter sido muitas coisas, muitas delas desagradáveis, mas sempre fora um lutador. E agora estava morto.

Wymack pigarreou e passou a mão pelo cabelo curto.

— Ouçam. Há merdas que acontecem. E há merdas que vão continuar a acontecer. Não precisam que vos diga que a vida não é justa. Estão aqui porque sabem bem que não é. A vida está-se nas tintas para o que queremos dela; temos de ser nós a lutar pelo que queremos com todas as nossas forças. O Seth queria que ganhássemos, queria que passássemos do quarto jogo. Acho que lhe devemos a nossa entrada em campo. Vamos mostrar ao mundo o que valemos. Vamos fazer deste o nosso ano.

— Já perdemos o suficiente, não acham? — perguntou Dan aos seus colegas de equipa. — Está na hora de começarmos a ganhar.

Matt entrelaçou os dedos nos dela e apertou-os.

— Só paramos na final.

— As palavras valem tanto como nada — cortou Wymack. — Provem em campo que têm o que é preciso para se qualificarem para o campeonato. Quero-vos no campo com o equipamento



de treino dentro de cinco minutos ou inscrevo-vos a todos numa maratona.

Faltou a Wymack a habitual raiva fingida, naquilo que passava por discurso de incentivo, mas as suas palavras eram suficientemente familiares para pôr a equipa a mexer. No balneário masculino, os jogadores equiparam-se em silêncio.

Neil levou as suas coisas para uma das casas de banho para mudar de roupa.

Havia um lavatório a separar as casas de banho das cabines dos chuveiros, e Neil parou ali no caminho de volta para se olhar ao espelho. Por necessidade, tinha uma relação de amor e ódio com o seu reflexo. Era a cara chapada do pai assassino de quem tinha fugido há oito anos. A tinta para o cabelo e as lentes de contacto eram a forma mais fácil de esconder as suas feições, mas manter o disfarce enquanto vivia com as Raposas era exaustivo. Verificava as raízes do cabelo duas vezes por dia, todos os dias, e dormia virado para a parede para poder tirar as lentes de contacto à noite. O estojo era guardado na fronha da almofada e ele tinha lentes de reserva na carteira. Era um processo complicado, mas ajudava-o a manter-se vivo e seguro. Neil pensou que aquilo já não seria suficiente.

Só se apercebeu de quanto tempo tinha ficado parado quando Matt e Kevin vieram à sua procura. Viu os seus reflexos quando assomaram à porta atrás dele, mas não se virou.

— Só paramos na final? — perguntou Neil.

— Os milagres acontecem — retorquiu Matt.

— Não se fiem numa coisa tão vaga como um milagre — disse Kevin. — Não vamos ganhar nada se ficarmos parados à sombra da bananeira. Despacha-te a mudar de roupa e vamos para o campo.

— Um dia ainda há de procurar «insensibilidade» no dicionário — disse Matt, irritado. — Tenho a certeza de que vai fazer maravilhas ao teu ego ver a tua fotografia impressa ao lado.



— Não — disse Neil, antes que Kevin pudesse responder. — Ele tem razão. As hipóteses de o treinador nos arranjar outro atacante quando a época já começou são poucas ou nenhuma. Até ele arranjar uma solução, só podemos contar comigo e com o Kevin, e nenhum de nós é bom o suficiente.

— Ouviste isto, Kevin? — disse o Matt. — O teu suplente diz que és incompetente.

— A opinião dele é-me irrelevante — respondeu Kevin.

Mas não negou as palavras de Neil, que percebeu isso mesmo, ao contrário de Matt. Kevin sempre treinou para ser um atacante canhoto, mas Riko partiu-lhe a mão dominante em dezembro num ataque de ciúmes. Desde março que Kevin tentava reaprender a jogar com a mão direita, mas não era nem de perto nem de longe tão bom como outrora. A opinião pública dizia que era genial que conseguisse jogar de todo, mas Kevin sentia o seu declínio de forma aguda. Por mais brutal que pudesse ser com o resto da equipa, era mais duro consigo próprio. Essa era a única razão pela qual Neil tolerava a sua condescendência.

Neil afastou-se dos espelhos e acabou de se arranjar. Dan e Renee já estavam à espera dos rapazes no átrio e todos seguiram para o estádio para o aquecimento. Depois de 40 minutos de voltas e corridas intervaladas, foram beber água ao balneário. Estavam a fazer alongamentos quando a porta da frente se abriu.

Neil olhou de relance para os veteranos para avaliar as suas reações, quando Nicky e Andrew se juntaram a eles no átrio. Dan voltou aos alongamentos depois de um olhar de relance para os dois, e a expressão de Matt ficou tensa quando viu a cara sorridente de Andrew. Só Renee conseguiu sorrir, e a sua voz era afável, mas contida, quando os cumprimentou.

— Olá, Renee — retribuiu Andrew. — Já te vais mudar para o dormitório?



— Hoje à noite. Carregámos a carrinha do Matt hoje de manhã.

Andrew ouviu sem comentar e desapareceu para dentro do balneário. Nicky deixou-se ficar para trás, um pouco inseguro por encarar os colegas de equipa pela primeira vez desde há alguns dias. Dan voltou a olhar para ele, mas a sua cara fechada não era de todo encorajadora.

— Olá — disse Nicky, em surdina. — Estás a aguentar-te?

— Vai-se andando — disse Dan, sem devolver a pergunta a Nicky. O mais certo era não estar interessada na resposta. Nicky fez um compasso de espera antes de voltar a falar.

— Como está a Allison?

— Queres mesmo saber? — atirou Matt.

— Matt — disse Renee, numa repreensão subentendida. E virou-se para Nicky. — Ela está a passar um mau bocado, como seria de esperar, mas certificamo-nos de que nunca está sozinha. Ela ainda não quer falar com a Betsy, mas acho que vai querer desabafar em breve.

— Pois — assentiu Nicky, quase num sussurro.

Wymack esperou até ter a certeza de que tinham terminado e fez um gesto a Nicky.

— Vocês os dois vão para o campo e comecem a dar voltas. Não pago as contas da luz deste sítio para ficarem aí a tagarelar. Quanto aos outros, acabem o que estavam a fazer e vão buscar água. Assim que o Andrew e o Nicky estiverem prontos, vamos equipar-nos para treinar a sério. Temos... — Wymack interrompeu as instruções quando ouviu o som do seu telemóvel ao fundo do corredor. — Estas malditas sanguessugas vão dar comigo em doido. Devia ter contratado uma secretária.

Nicky seguiu para o balneário enquanto Wymack se encaminhou para o telefone. Neil estava ao fundo do átrio, mais próximo do corredor, por isso ouviu quando ele atendeu. Apesar da sua irritação óbvia, o treinador conseguiu manter um tom civilizado.



— Fala o treinador Wymack, da Universidade Palmetto State. Como? Um momento. — Wymack entrou no corredor com o telefone portátil na mão. Colocou-o no silêncio e abriu a porta do balneário masculino. — Andrew Joseph Minyard, que merda é que tu fizeste desta vez?

— Não fui eu, foi o maneta! — gritou Andrew, sem aparecer.

— Chega aqui, já! — gritou Wymack, enquanto a porta se fechava. Andrew apareceu alguns segundos depois, já equipado. O treinador apontou-lhe o telefone e disse — Tens a polícia ao telefone. É melhor dizeres-me a verdade antes que me contem a versão completa.

— Não fui eu. Pergunte ao meu sósia.

Wymack fez-lhe uma careta, voltou a ligar o som e encostou o telefone ao ouvido.

— O que se passou afinal, agente... Higgins?

— Oh — disse Andrew, sobressaltado. — Não, mister.

Wymack acenou-lhe para que se calasse, mas Andrew agarrou-lhe no pulso e arrancou-lhe o telefone. O treinador apanhou-lhe a camisola antes que Andrew pudesse fugir. Ele não tentou libertar-se, mas ficou a olhar para o aparelho como se nunca tivesse visto tal tecnologia.

— Não o faças esperar o dia todo — disse Wymack.

Andrew virou-se, não para se libertar, mas o suficiente para olhar para o irmão. Aaron tinha parado de alongar para olhar para ele. Andrew levantou as mãos num encolher de ombros exagerado e, por fim, levou o telefone ao ouvido.

— Bófia Higgins, é você? Oh, vejo que sim. Sim, fui apanhado de surpresa. Já se esqueceu de que não gosto de surpresas? O quê? Não, esqueça a conversa fiada. Não andaria tanto tempo atrás de mim só para pôr a conversa em dia, diga lá o que quer. — Andrew ficou em silêncio durante alguns segundos e depois disse — Não — e desligou.



O telefone voltou a tocar quase de imediato. Todas as Raposas estavam agora a olhar, os alongamentos esquecidos. Wymack não lhes deu ordem para voltarem ao trabalho, por isso Matt sentou-se num dos bancos para assistir ao desenrolar daquela cena estranha. Andrew puxou a camisola até Wymack a largar e afastou-se dele o mais depressa possível. Encostou-se à parede, tapou um ouvido com a mão livre e atendeu o telefone.

— O quê? Não, não lhe desliguei o telefone na cara. Nunca faria isso. Eu... não. Cale-se.

Andrew voltou a desligar, mas Higgins foi suficientemente persistente para tentar uma terceira vez. Andrew deixou tocar cinco vezes antes de atender com um suspiro explosivo.

— Conte coisas — disse, e esperou que Higgins se explicasse outra vez.

O agente falou durante uns bons dois minutos. O que quer que estivesse a dizer não podia ser bom; a conversa estava visivelmente a cortar o efeito dos fármacos que Andrew tinha tomado. O seu sorriso já tinha desaparecido há muito tempo e ele começou a bater o pé a meio da história de Higgins. Desviou o olhar de Aaron enquanto o último resquício de alegria se desvanecia da sua expressão e olhou antes para o teto.

— Volte lá atrás — disse, por fim. — Quem é que se queixou? Oh, bófia, não me venha com essa conversa. Eu sei onde trabalha. Sei com quem trabalha. Isso significa que há uma criança em casa dela. Ela não pode... O quê? Não. Não me peça isso. Já disse para não o fazer. Deixe-me em paz. Ouça! — cortou Andrew, levantando a voz como se estivesse a tentar abafar os argumentos do agente. — Se me voltar a ligar, mato-o.

E com isto, desligou. O telefone, desta vez, permaneceu em silêncio. Andrew esperou para ver se Higgins percebia a dica, depois levou uma mão aos olhos e desatou a rir.



— Qual é a graça? — perguntou Nicky quando se juntou a eles. — Perdi alguma coisa?

— Oh, não, nada — disse Andrew. — Não lrigues.

Wymack alternou o olhar entre Andrew e Aaron.

— O que fizeste agora?

Andrew afastou os dedos e espreitou por entre eles para Wymack.

— O que o faz pensar que a culpa é minha?

— Espero que isso seja uma pergunta retórica — disse o treinador, sem se deixar enganar pelo ar inocente de Andrew. — Por que raio andas a receber chamadas da polícia de Oakland?

— Eu e o bófia conhecemo-nos há muito tempo — disse Andrew. — Ele só queria pôr a conversa em dia.

— Voltas a mentir-me na cara e vamos ter problemas.

— Quase tudo o que eu disse era verdade. — Andrew deixou cair a mão e atirou o telefone para o outro lado da sala. Bateu no chão com tanta força que a parte de trás saltou. O auscultador deslizou numa direção e a bateria na outra. — Ele trabalhava no programa PAL de Oakland. Pensou que podia salvar miúdos em risco ensinando-lhes desporto depois das aulas. Como o mister, não é? Idealista até ao tutano.

— Saíste de Oakland há três anos.

— Sim, sim, sinto-me muito lisonjeado por ele ainda se lembrar de mim, ou lá o que é. — Andrew acenou com uma mão, como quem diz «o que é que se há de fazer» e encaminhou-se para a porta. — Até amanhã.

Wymack travou-o esticando um braço à sua frente.

— Aonde pensas que vais?

— Vou-me embora. — Andrew apontou para lá de Wymack, na direção da saída. — Eu não disse que nos víamos amanhã? Às tantas, não me fiz ouvir.

— Temos treino — disse Dan. — Temos um jogo na sexta-feira.



— Tens ali a Joana d’Exy. Passam bem sem mim.

— Deixa-te de merdas, Andrew — disse Wymack. — O que se passa aqui, afinal?

Andrew levou uma mão à testa, num gesto dramático.

— Acho que estou a chocar alguma. Cof, cof. É melhor ir-me embora antes que infete a equipa. Já restam tão poucos. Não podem perder mais ninguém.

A impaciência fez com que Kevin cerrasse os lábios numa linha fina.

— Para com isso. Não podes virar costas.

Após um brevíssimo compasso de espera, Andrew virou-se com um sorriso rasgado e perverso.

— Não posso, Kevin? Já te mostro o que não posso fazer. Experimenta pôr-me a jogar hoje e eu retiro-me permanentemente. Que se fodam os vossos treinos, o vosso plantel e o vosso estúpido jogo de merda.

— Já chega. Não temos tempo para as tuas birras.

Andrew virou-se e esmurrou a parede com força suficiente para rasgar a pele dos nós dos dedos. Kevin apressou-se a dar um passo em frente, com a mão estendida, como se pudesse impedir Andrew de desferir um segundo golpe, mas Wymack estava mais perto. Apanhou o braço do guarda-redes e puxou-o para longe da parede. Andrew não desviou o olhar de Kevin para afastar o treinador. Só quando Kevin finalmente deu um passo atrás é que ele tentou libertar-se do aperto de Wymack.

— Cof, cof, mister — disse Andrew. — Vou andando.

— Mister, deixe-o ir — pediu Aaron. — Por favor.

Wymack lançou um olhar de frustração aos dois, mas Aaron estava a olhar para os pés e o sorriso de Andrew não revelava nada. Por fim, Wymack deixou cair a mão e disse:

— Nós os dois vamos ter uma longa conversa mais tarde, Andrew.



— Claro — assentiu Andrew, numa mentira descarada. No instante seguinte, desapareceu.

— A sério, pá — disse Nicky quando a porta se fechou atrás de Andrew. — O que é que eu perdi?

— Quero respostas já, Aaron — disse Wymack.

— Não sei de nada.

— O caraças é que não sabes.

— Não sei de nada — repetiu Aaron, subindo o tom de voz.

— Não sei porque é que o Higgins lhe ligou. Ligue-lhe de volta ou fale com o Andrew se quiser respostas. Ele era o mentor do Andrew, não o meu. Só me encontrei com ele uma vez.

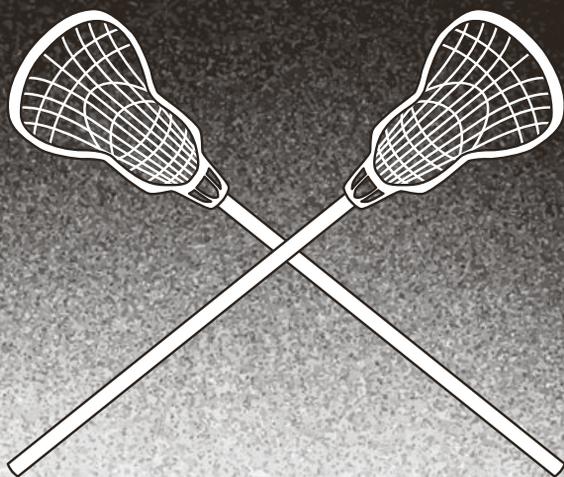
— É evidente que ele te marcou, se ainda te lembras dele.

— Oh — disse Nicky, apanhado de surpresa. — Foi ele...?

Não terminou a frase, mas Aaron percebeu o que ele estava a perguntar.

— Sim — disse. — Foi ele quem me disse que eu tinha um irmão.





## CAPÍTULO DOIS

**O** comentário enigmático de Aaron foi a única resposta que obtiveram dele durante o treino. Wymack deixou de insistir assim que a coisa se tornou pessoal. Neil contava que os veteranos dissessem alguma coisa sobre o assunto assim que ficaram com as paredes do campo entre eles e Wymack, mas, aparentemente, partilhavam do tato do treinador. De vez em quando, lançavam olhares curiosos a Aaron e a Nicky, mas ninguém insistiu em explicações.

Sem Seth por perto para arranjar confusão com Kevin e Nicky, Allison para azucrinar quem a quisesse ouvir, e Andrew a mandar bocas da baliza, o treino foi estranhamente calmo, mas poderia ter sido uma completa perda de tempo se não fosse por Kevin e Dan. O atacante era demasiado obcecado pelo jogo para permitir que qualquer coisa o distraísse quando estava em campo, e Dan sabia bem qual era o seu papel como capitã. Obrigava-os a mexer quando abrandavam o ritmo e fazia-se ouvir durante os silêncios constrangedores. Mesmo assim, Neil achou que todos



ficaram aliviados quando Wymack finalmente deu o treino por terminado.

Saíram do estádio ao mesmo tempo, mas a aversão de Nicky pelo código da estrada fez com que chegassem primeiro à Torre das Raposas. Nicky encontrou um lugar perto do fim do parque de estacionamento dos atletas e todos se dirigiram para o dormitório em grupo. A meio caminho, repararam na figura que os esperava no passeio. Andrew estava sentado no chão de pernas cruzadas, com as mãos nos tornozelos, a vê-los a aproximarem-se.

— Não devias estar cá fora se estás a chocar alguma — disse Kevin.

— Oh, tanta preocupação. — Andrew sorriu ao ouvir o tom frio de Kevin. — Não chores, Kevin. Não é nada que uma sesta e vitamina C não resolvam.

Nicky agachou-se à frente de Andrew.

— Ei, estás bem?

— Fazes perguntas estranhas, Nicky.

— Estou preocupado, é só isso.

— Problema teu. Ah, até que enfim.

Neil olhou para trás quando Matt entrou no parque de estacionamento. Deu duas voltas para encontrar um lugar suficientemente grande para a sua carrinha. Andrew deu uma palmada na cara de Nicky, uma ordem subentendida para se afastar, e o primo levantou-se e desviou-se para o lado. Andrew esperou até que Dan, Matt e Renee estivessem suficientemente perto para o ouvir antes de levantar a mão em sinal de saudação e dizer:

— Renee, chegaste! Bem-vinda de volta. Preciso que venhas comigo. Não te importas, pois não? Eu sabia que não.

Renee acenou com a cabeça.

— Preciso de alguma coisa?

— Já tenho tudo. — Andrew pôs-se de pé e arrancou pelo parque de estacionamento.



Renee deu meia-volta e seguiu-o. Alcançou-o em duas passadas largas e juntou-se a ele. Neil olhou para Dan. Os seus lábios estavam cerrados, mas não parecia surpreendida e não chamou por eles. Matt abriu a boca, mas preferiu acompanhar Dan no seu silêncio e não dizer nada. Ninguém se mexeu até Andrew e Renee chegarem ao fim do parque de estacionamento, altura em que Aaron se virou de repente. Em vez de entrar, começou a descer o passeio que contornava a Torre das Raposas e seguia para o campus.

— Pois bem — disse Matt, por fim. — Vamos falar sobre isto?

Nicky esfregou os braços como se quisesse afastar um calafrio, apesar do calor que se fazia sentir, e apontou com o queixo para a porta.

— Não sem uma bebida.

A equipa de Exy ocupava três apartamentos no terceiro andar. O grupo de Andrew ficava no alojamento mais próximo das escadas, as raparigas ficavam no do meio e Matt e Neil ocupavam o apartamento da ponta, que anteriormente dividiam com Seth. Dan deu a mão a Matt quando se aproximaram da porta e apertou com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Matt não pareceu ganhar alento com isso. Olhou para o porta-chaves que tinha na mão livre como se se tivesse esquecido de qual das chaves abriria a porta.

— Ele era tão otário — disse Matt, em surdina.

— Eu sei — assentiu Dan.

Matt respirou devagar e, por fim, rodou a chave na fechadura. Empurrou a porta, depois estremeceu e agarrou a mão de Dan com mais força. A expressão sombria da capitã levou Neil a aproximar-se, mas era difícil ver além de Matt. Neil não teve de esperar muito; Dan ganhou coragem para avançar e puxou Matt para dentro da divisão com ela. Neil parou junto à porta para avaliar as mudanças.



Não entrava no seu apartamento desde domingo de manhã e mesmo assim só tinha passado ali tempo suficiente para fazer a mala e seguir para a casa de Wymack. No domingo, o apartamento estava como sempre estivera.

Nos poucos dias que se seguiram, alguém tinha passado por lá e retirado os pertences de Seth. A terceira secretária tinha desaparecido, tal como a mesa de cabeceira que Seth transformara em prateleiras para os seus trabalhos escolares. Ficou um espaço demasiado óbvio entre as coisas de Neil e de Matt.

Neil deixou Matt e Dan a olhar para o novo vazio e seguiu para o quarto. As camas dele e de Matt ainda estavam sobrepostas, mas a cama de Seth tinha sido retirada pelos serviços de manutenção. As duas cómodas que estavam escondidas debaixo da cama de Seth estavam agora expostas no quarto, com os seus descurados tampos cobertos por uma fina camada de pó. Era como se Seth nunca tivesse estado ali, como se nunca tivesse existido.

Neil ponderou se ele próprio desapareceria tão facilmente.

Pousou o saco em cima da cómoda e voltou para a sala de estar. Matt e Dan estavam sentados no sofá, encostados um ao outro. Matt olhava fixamente para a parede onde costumava estar a secretária de Seth. Dan olhou para Neil, mas não disse nada. Talvez soubesse que ele não precisava do seu consolo, ou talvez simplesmente não houvesse nada a dizer.

Kevin e Nicky não demoraram muito a juntar-se a eles. Nicky trouxe uma garrafa de rum e outra de cola, e Kevin foi buscar copos aos armários da cozinha. Com um esforço evidente, Nicky desviou o olhar do espaço vazio na sala. Pousou as bebidas na mesa de centro antes de se ajoelhar em frente a Dan e Matt. Kevin pôs cinco copos na mesa e sentou-se ao lado de Nicky.

Neil tirou o seu copo de cima da mesa antes que Nicky o servisse e sentou-se numa das extremidades da mesa de centro, onde podia ver toda a gente. Nicky serviu as bebidas, distribuiu-as e



ergueu o copo num brinde silencioso. Ninguém se juntou a ele, mas Nicky não esperou. Engoliu metade da sua bebida de um trago. Encheu o copo com mais rum e olhou novamente para o outro lado da sala, para o espaço onde antes se encontrava a secretária de Seth.

— Pois bem — começou então Nicky, bastante desconfortável. — Isto é...

Matt não lhe deu saída. O seu olhar indicava que ainda não estava pronto para falar sobre Seth, sobretudo com Nicky. Desviou a atenção de Nicky para um assunto mais seguro.

— Porque é que o Aaron não sabia que tinha um irmão?

Nicky estremeceu, e Neil ficou sem saber o que o incomodava mais, se a pergunta ou o tom seco na voz de Matt.

— São gémeos — disse Nicky, e ficou à espera de que eles percebessem onde queria chegar. Percorreu todos aqueles rostos impassíveis e franziu o sobrolho, incrédulo. — Ora pensem um pouco. Ponham-se no lugar da minha tia Tilda. Estariam dispostos a dizer ao Aaron que o seu irmão tinha sido dado para adoção à nascença? Ela tinha esperança de que esse segredo ficasse esquecido para sempre.

— Mas o Aaron descobriu — concluiu Neil.

Nicky esboçou-lhe um sorriso fechado.

— Sim, e é por isso que acredito no destino. O Aaron nasceu e cresceu em San Jose, certo? Consta que a tia Tilda se fartou de ter encontros com os locais e começou a ir a sites de encontros online. Mesmo após o Aaron ter feito 13 anos, conheceu um tipo em Oakland. O namorado dela achou que deviam encontrar-se num jogo dos Raiders, uma cena agradável, pública e divertida, por isso ela meteu o Aaron no carro e lá foram eles.

» O Aaron disse que estava junto às bancas de comes e bebes quando um polícia se aproximou. Tratou-o por Andrew e falou com ele como se já se conhecessem. O meu primo achou que ele



ou era doido ou estava confuso, mas o polícia depressa percebeu que algo estava errado.

— Era o Higgins — adivinhou Matt.

— Sim. Assim que o Higgins percebeu que estava a falar com o irmão errado, pediu ao Aaron para o levar até junto da tia Tilda. Achava que ela era apenas outra mãe adotiva e que o Aaron e o Andrew tinham sido separados no sistema. O Higgins quis reuni-los, por isso a tia Tilda deu-lhe o seu número de telefone e levou o Aaron para casa.

» Não sei porque o fez. Talvez estivesse demasiado envergonhada para dizer não ou não quisesse explicar a verdade a um polícia. Seja como for, a mãe adotiva do Andrew ligou-lhe no dia seguinte para marcar um encontro, mas a tia Tilda recusou. Disse aos pais adotivos que não queria ter nada que ver com o Andrew, que não queria saber como ele era, nem como estava, nada. Até os fez prometer que não voltariam a contactá-la.

Nicky terminou a sua segunda bebida e preparou uma terceira.

— Mas o Aaron sabia quem era a pessoa que estava do outro lado da linha e ficou tão entusiasmado que nem sequer esperou que a mãe desligasse para saber os pormenores. Assim que ela atendeu na cozinha, correu para o quarto dela e ficou a ouvir a conversa no telefone do andar de cima. Foi assim que ele descobriu a verdade. — Nicky olhou para a sua bebida. — O Aaron disse que foi o pior dia da vida dele.

— Meu Deus — disse Matt. — Aposto que sim. Ele disse-lhe que tinha ouvido a conversa?

— Sim, sim. O Aaron disse que tiveram uma discussão feia. Mas a tia Tilda não cedeu, por isso o Aaron ligou para a polícia de Oakland sem ela saber. Entrou em contacto com os coordenadores do programa PAL e deu-lhes os seus dados para darem ao Andrew. Duas semanas depois, recebeu uma carta que dizia basicamente «Vai-te foder, desaparece.»



Matt esfregou as têmporas.

— Sim, parece-me coisa do Andrew.

— Há coisas que nunca mudam — disse Nicky.

— E como é que o Aaron fez o Andrew mudar de ideias? — perguntou Dan.

Nicky lançou-lhe um olhar de estranheza.

— Não fez.

— Espera — tornou Dan. — O que queres dizer com isso, não fez?

— Quero dizer que ele não voltou a tentar. Não sei quem falou do Aaron aos pais adotivos do Andrew, se foi o meu primo ou o tal Phil Higgins, mas a mãe adotiva dele escreveu uma carta ao Aaron. Pediu-lhe para tentar novamente na primavera. Veio com uma conversa de que as festividades eram sempre duras e que tinha havido muitas mudanças em casa. Por isso, o Aaron esperou, mas parece que foi demasiado tempo. Em março, o Andrew entrou no reformatório e ele começou a repensar esta coisa do irmão. Dois meses depois, a tia Tilda vendeu a casa em San Jose e levou o Aaron para Columbia.

Dan estava perplexa.

— Então, quando é que eles se conheceram?

— O meu pai descobriu o Andrew há cinco anos, por isso... — Nicky contou os anos pelos dedos. — Há quatro anos e meio, mais ou menos. O meu pai foi à Califórnia para entrevistar a família de acolhimento do Andrew e passar pelo reformatório. Um mês depois, pagou a viagem de avião ao Aaron para que ele pudesse falar com o irmão, mas não considero essa sessão supervisionada de meia hora como o primeiro encontro. Só falaram a sério quando o Andrew saiu em liberdade condicional antecipada um ano depois e o meu pai obrigou a tia Tilda a acolher o Andrew em casa. — Nicky deu um gole na sua bebida. — Dito assim, parece estranho, não parece? Eles só se conhecem realmente há três anos.



— Mas que cena marada — disse Matt.

— Sim, e esta é a versão simpática da história — disse Nicky. — Mas pronto, é daí que o Aaron e o Andrew conhecem o Higgins. Não sei porque decidi ligar ao Andrew nesta altura, mas também não vou perguntar. Para mim, o período que o Andrew passou com a família de acolhimento é um assunto tabu. Só falo sobre isso por iniciativa dele.

— Será que está tudo bem? — perguntou Dan. — Não me pareceu um telefonema para matar saudades. E se alguém desenterrou algum crime passado do Andrew que o possa afastar da equipa? Às tantas, o Phil podia ter ligado para o avisar de uma investigação.

— O Andrew trata disso — afiançou Nicky.

— Isso não me deixa mais descansada — disse Dan, mas não insistiu.

De alguma forma, Nicky e Kevin acabaram por jantar com eles. Era a primeira vez, desde que os veteranos tinham voltado para o campus, em junho, que Neil via alguém do grupo de Andrew a socializar com o resto da equipa. Atribuiu isso à ausência dos gémeos. Já tinha ouvido Nicky a reclamar com Aaron sobre a postura isolacionista dos primos, mas Aaron não se deixara influenciar pela infelicidade dele. Agora, sem Aaron para o distrair ou Andrew para o afastar, Nicky estava livre para fazer o que quisesse.

Pediram comida para não terem de sair outra vez e Dan pôs um filme para evitar mais conversas desagradáveis. O filme acabou antes de qualquer um dos outros colegas de equipa regressar, mas Nicky não quis abusar da sorte.

— Boa noite — despediu-se, depois de ter ajudado a limpar os despojos do jantar.

— Vemo-nos de manhã — disse Dan, antes de fechar a porta atrás dele e de Kevin. Quando largou a maçaneta, lançou um olhar confuso a Matt. — Que cena mais estranha.



— Sim — concordou Matt. — Achas que vai voltar a acontecer?

— Matt — disse ela, mas hesitou. Olhou para a parede ao fundo da sala, onde ficava a secretária de Seth, como se não tivesse a certeza se seria capaz de dizer aquelas palavras em voz alta. — O que é que isto pode significar para a nossa época?

Como Wymack só recrutava miúdos problemáticos, as Raposas sempre foram uma equipa de desalinhados desde o princípio, sem qualquer noção do que significa trabalhar em conjunto, cuja hierarquia era determinada pela força. Mas quando começaram os treinos de verão, 90 % dos conflitos em campo tinham sido desencadeados por Seth, que estava sempre pronto para armar confusão com Kevin e os primos. Não queria trabalhar com eles em campo e recusava-se a lidar com eles fora dele. Isso obrigava os elementos da equipa a tomar partido constantemente.

A expressão de Matt era cautelosa, como se não tivesse certeza se poderiam ter aquela conversa tão cedo após a morte de Seth, mas não se furtou à resposta.

— Não tenhas muitas esperanças. Eles não querem saber do Seth. Não se vão unir em memória dele.

— Mas... — insistiu Dan, porque tanto ela como Neil perceberam que havia mais qualquer coisa nas palavras de Matt.

— Mas — assentiu Matt, e olhou para Neil. — Por fim, podemos ter aqui uma ponte.

Neil alternou o olhar entre os dois colegas.

— Não percebo.

— Já vimos isto acontecer com o Kevin — disse Matt. — Eles reivindicaram-te. Vão arrastar-te para a toca de coelho deles.

Dan pousou as mãos nos ombros de Neil e fixou-o atentamente.

— Não caias tão fundo ao ponto de te esqueceres de nós, ouviste? Põe um pé na toca deles e mantém o outro aqui em cima, connosco. Tens de ser a peça que vai finalmente unir esta equipa.



Não conseguiremos qualificar-nos para o campeonato sem eles. Promete-me que vais tentar.

— Não sou lá grande força agregadora — disse Neil.

— É óbvio que tens algo que o Andrew quer — constatou Matt. — E todos seguem o Andrew. Só tens de o puxar com mais força do que ele te puxa a ti.

Dito assim, parecia fácil, mas Neil sabia que não era.

— Vou tentar.

— Ótimo — concluiu Dan, apertando os ombros dele antes de o soltar. — É só isso que te pedimos.

Dan sentou-se no sofá e puxou Matt para junto de si. Neil sentou-se à secretária e tentou pôr os trabalhos de casa em dia. Era apenas a segunda semana de aulas e ele já estava atrasado. Tentou ler os apontamentos de Química, mas, após alguns parágrafos, a sua mente começou a vaguear. Conseguiu ler mais três páginas antes de desistir e empurrar o manual para o chão.

— Neil? — perguntou Dan.

— Porque é que a Química é uma seca? — perguntou Neil, avançando para o trabalho seguinte.

— Quando eu descobrir a resposta, serás o primeiro a saber — disse Dan. — Podes sempre pedir ajuda ao Aaron. Ele está a formar-se em Ciências Biológicas.

Neil preferia chumbar a passar mais tempo com Aaron. O trabalho de casa de Espanhol era mais fácil de fazer, mas o de História era demasiado aborrecido. Atirou o livro para cima do de Química e fixou com um olhar vazio o trabalho de Inglês. Escreveu qualquer coisa às três pancadas e depois procurou o livro de Matemática na mochila. Enquanto o fazia, percebeu que Matt e Dan o observavam.

— Quantas cadeiras tens? — perguntou Dan, franzindo a testa.

— Seis.

— Estás a brincar. Porquê?



Neil olhou para ela e depois para Matt.

— Era o que vinha no programa.

Dan fez um esgar, mas foi Matt quem falou.

— Esse programa é para alunos que se formam em quatro anos. O teu contrato é de cinco anos por algum motivo. Todos sabem que não é possível ter uma carga horária completa e jogar numa equipa.

— Quatro cadeiras — disse Dan, enquanto mostrava igual número de dedos. — É tudo o que precisas para seres considerado um aluno a tempo inteiro. É o máximo que quero que faças este semestre, ouviste? Descobre quais são as duas que vão tornar a tua vida mais difícil e livra-te delas. Não nos estás a fazer nenhum favor, nem a ti próprio, se fritares a pipoca tão cedo.

— Posso desistir das cadeiras? — perguntou Neil, apanhado de surpresa.

— Nas duas primeiras semanas, sim — disse Matt. — Mostra-me o teu horário.

Neil foi buscar o horário a uma pasta. Dan fez sinal para que Neil se sentasse ao seu lado. Colocou o horário onde todos pudessem vê-lo.

— Estás a ver isto? — perguntou, apontando para as aulas de segunda, quarta e sexta-feira de Neil. — Isto não pode ficar assim. Se não tiveres espaço para respirar, vais-te passar. Quando andava no secundário, trabalhava à noite, ia às aulas e era capitã da equipa de Exy da minha escola. Detestava a minha vida. Não quero que te aconteça a mesma coisa. O Matt diz-me que, além de tudo o resto, tu e o Kevin treinam à noite. Diz-me, quando é que tu dormes?

— Durante as aulas — admitiu Neil.

Dan deu-lhe uma palmada na testa.

— Resposta errada. Tens de manter a tua média.

— A Dan teve alguns anos para aperfeiçoar este discurso — disse Matt por cima dela. — Se o desporto é o teu foco, nunca vais



precisar destas aulas. A escola é apenas um meio para atingir um fim e uma desculpa para jogar Exy. Não te mates por causa disso. Vou buscar o meu computador para acederes ao portal da escola.

Neil olhou para o seu horário enquanto Matt tirava o portátil da mochila e pensou nas cadeiras que devia eliminar. Não se focou naquelas que consumiam mais tempo, como Dan sugeriu, mas antes naquelas de que não precisava. Só tencionava ficar um ano na Palmetto State, embora ainda não tivesse informado os colegas. O que quer que fosse que eliminasse, era de vez.

Este raciocínio fez com que História e Química fossem as suas principais escolhas. Eram cadeiras que ele detestava. Neil não gostava muito das aulas de Inglês ou de Oratória, mas podiam ser úteis quando estivesse em fuga. O Espanhol era essencial e a Matemática era, pelo menos, interessante.

Matt passou o portátil a Neil depois de o ligar, e ele e Dan ficaram a ver Neil a aceder ao seu perfil de aluno. Matt passou a mão por cima de Dan para indicar os links onde devia clicar.

— Está melhor assim? — perguntou Dan quando o horário alterado foi aceite. — Olha aqui. Tinhas um furo entre História e Oratória, certo? Agora tens dois períodos livres. Podes meter aí as horas de explicação, se quiseres. Tens uma aula de manhã às terças e quintas, por isso tens esse tempo até ao treino para dormires e fazeres os trabalhos de casa. Assenta como uma luva, não achas?

Neil estava mais interessado na parte do sono do que na dos trabalhos de casa.

— Sim, obrigado.

— Não nos agradeças, lembra-te é de nós — corrigiu Dan. — Somos teus colegas. Estamos aqui para te ajudar no que precisares, seja nas aulas, nos jogos ou stresses em geral. Todos temos experiências diferentes, mas estamos habituados a precisar de ajuda. Só não estamos habituados a recebê-la. Mas agora podes contar connosco.



Neil não sabia como reagir. Não sabia o que o incomodava mais: o facto de acreditar que ela estava a falar a sério ou o facto de nunca poder aceitar a sua oferta. As Raposas não seriam capazes de lidar com os seus demónios. Neil só confiava em Andrew, e mesmo assim com reservas e só porque estava desesperado.

Não teve que responder, pois a conversa foi interrompida quando alguém bateu à porta. Neil fez tentativas de se levantar, mas ainda tinha o computador no colo, por isso Matt levantou-se antes dele. Pensou que podia ser um dos outros atletas do edifício, que conheciam Seth há anos, mas era Renee quem estava à espera no corredor. Matt afastou-se para a deixar entrar. Dan soltou um palavrão em surdina ao lado de Neil, que percebeu o tom, mas não a asneira em concreto, distraído que estava com o novo coxear de Renee.

— Preferia que não fizesses isto — disse Dan.

— Eu sei — assentiu Renee.

Sentou-se na almofada de onde Matt se tinha levantado enquanto este foi à cozinha. Matt voltou com um saco de gelo. Renee sorriu quando pegou nele e o pressionou contra os nós dos dedos da mão direita. A dor fê-la repuxar o canto da boca, mas manteve uma expressão serena enquanto fletia os dedos. Neil estava à espera que Matt e Dan sufocassem Renee com a sua preocupação, mas nenhum dos dois perguntou se ela estava bem.

— Diz-me se isto vai ser um problema — atirou Dan.

Renee abanou a cabeça.

— Para nós, não. O que quer que seja, é pessoal. Ele volta ao campo amanhã.

Neil só se perguntou em que universo alternativo é que se tinha metido.

— O Andrew bateu-te.

— Algumas vezes — disse Renee. — Esqueci-me de como é rápido quando está mocado.



Neil olhou para o sorriso de Renee, para o seu cabelo pintado de arco-íris e para o fio com uma cruz que trazia ao pescoço. Não conseguia perceber. Renee avisou-o para não sobrestimar a sua bondade, mas todos diziam que ela era a alma gentil da equipa. Desde que a conhecera que sempre a vira como uma conciliadora. Até então, o único aspeto duvidoso nela era a sua amizade com Andrew.

— A Renee e o Andrew são parceiros de luta — informou Matt.

Obviamente, aquilo não lhes soava tão ridículo como a Neil, mas ele não sabia o que mais dizer além de perguntar porque achavam normal que aquela doce rapariga cristã enfrentasse o sociopata não oficial da equipa. Olhou para Matt em busca de ajuda, mas este limitou-se a sorrir perante a sua confusão. Depois olhou para Dan, mas a capitã estava demasiado concentrada na mão de Renee para reparar. Por fim, Renee olhou para cima e teve pena dele.

— Sou uma cristã renascida, Neil. O Andrew não quer saber da minha religião, está mais interessado na pessoa que eu era antes. Eu e ele temos mais em comum do que tu pensas. É por isso que te deixo pouco à vontade, não é?

Dan e Matt observavam Neil, curiosos. Aparentemente, não tinham reparado no esforço que Neil fazia para evitar estar sozinho com Renee. Neil ignorou-os e disse:

— Deixas-me pouco à vontade porque não fazes sentido. Não te compreendo.

— Podias ter perguntado — disse Renee.

— É mesmo assim tão fácil? — indagou Neil.

— Não me orgulho do meu passado, mas não consigo sarar se o esconder. Quando achares que estás pronto para confiar em mim, diz-me. Não quero que isso seja um problema entre nós. Podemos tomar um café e falar sobre o que quiseres. Mas agora... — Renee apoiou a mão que não estava lesionada no braço do



sofá e pôs-se de pé — tudo o que quero é um duche quente e a minha cama. Estou exausta.

Dan enfiou o braço no de Renee e alternou o olhar entre Matt e Neil.

— Podem passar a noite no nosso quarto, se quiserem. Se acharem que... — Não terminou, mas o olhar que lançou para a ponta da sala disse tudo. — Temos um futon que podes usar, Neil.

— Eu durmo aqui — disse ele —, mas tenho treino com o Kevin hoje à noite, por isso talvez seja melhor lebares o Matt contigo.

— Tens a certeza? — perguntou o colega.

— Sim — tranquilizou-o. — Eu fico bem.

Matt hesitou, e depois deu um beijo de boa noite a Dan.

— Vou esperar com ele até o Kevin chegar. Já vou ter contigo. — Acompanhou-as à porta, que fechou atrás delas. Na sua ausência, o quarto parecia muito maior, e o silêncio instalou-se entre Matt e Neil como uma pedra. — Ele está atrasado — disse, numa tentativa desajeitada de quebrar o silêncio. — Talvez o Andrew esteja demasiado zangado para o deixar vir.

— Talvez.

Neil sentou-se à secretária para esperar. Kevin costumava apanhar Neil às 22 horas para os treinos noturnos, mas Andrew tinha saído há horas com Renee. Já passava das 23 horas. Neil bocejou para a mão enquanto olhava para o relógio. Ponderou se devia ir até ao apartamento deles perguntar a Kevin se o treino estava cancelado e decidiu que lhe daria até às 23h30. Sete minutos antes do prazo que tinha imposto a si próprio, Kevin apareceu finalmente.

— Ele também precisa de dormir — disse Matt, enquanto os seguia pelo corredor a caminho do apartamento de Dan.

— Ele pode dormir quando ganharmos as finais — disse Kevin.

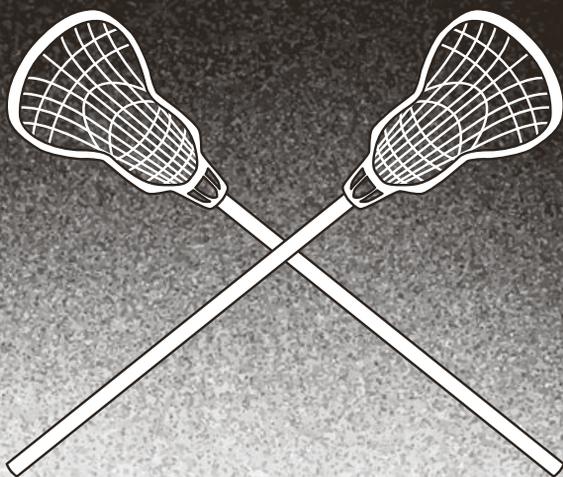


Andrew estava à espera deles no carro, como de costume. Apesar do desentendimento feio que Kevin e Andrew tinham tido no treino, não havia uma tensão óbvia entre eles agora. Andrew não disse nada quando Kevin e Neil entraram no carro, e levou-os até ao estádio em silêncio. Talvez a luta com Renee o tivesse esgotado, ou talvez Andrew não fosse de guardar rancores. Neil não tinha a certeza, mas ficou a matutar naquilo enquanto via Andrew subir as escadas até às bancadas para esperar por eles.

— Ainda hoje, se puder ser, Neil — atirou Kevin da porta do campo.

Neil pôs de lado todos os pensamentos sobre Andrew e seguiu Kevin para a Toca das Raposas.





## CAPÍTULO TRÊS

**O** treino de quinta-feira foi mais desconfortável do que o de quarta-feira. Seria fácil culpar o regresso de Andrew alterado pelos fármacos na baliza na tarde de quinta-feira, mas a verdade é que o guarda-redes até se portou bem. Não mencionou Seth uma única vez e não se meteu muito com os veteranos.

O problema era o que Dan e Matt tinham reparado na quarta-feira à noite: a equipa jogava muito melhor sem Seth a titular. Andrew, Aaron e Nicky podiam ter problemas pessoais a resolver fora de campo, mas trabalhavam bem dentro dele. Matt tinha um lugar no grupo graças ao seu talento e ao que tinha sofrido às mãos de Andrew no ano passado. Dan liderava-os e mantinha-os a mexer da sua posição de pivô ofensiva. Kevin apertava com Neil sem piedade na linha atacante e este dava tudo por tudo para não ficar para trás. Renee limava as arestas irregulares sempre que estas sobressaíam.

Pela primeira vez na história das Raposas, a equipa era uma força unificada. Dan e Matt tinham noção disso, mas Neil via



a culpa estampada nos seus rostos e ouvia a reserva nas suas palavras quando falavam nos intervalos. Não queriam reconhecer o lado positivo da morte de Seth e estavam hesitantes em explorá-lo. Neil queria dizer-lhes que a morte não era razão para se retraírem, mas achava aquela humanidade deles interessante. Só esperava que a superassem antes do arranque da partida de sexta-feira à noite.

O segundo jogo da época era fora, algo pelo qual a equipa estava grata. A ausência de Seth já era suficientemente notória nos treinos; o primeiro jogo em casa sem ele seria estranho e perturbador. Neil achava que Allison ainda não estava preparada para isso.

Wymack precisava que estivessem no campo às 12h30 de sexta-feira, para poderem fazer-se à estrada a tempo. Deu a autorização para faltarem às aulas do final da manhã, mas isso não livrou Neil das aulas de Espanhol e Matemática. Depois de Cálculo, ele deixou a mala no dormitório e foi ter com os colegas de equipa. Dan fez uma contagem no corredor para garantir que estavam todos presentes, e depois dividiram-se entre dois carros para a curta viagem até ao estádio.

Desde a viagem de sábado até Columbia que Neil apanhava sempre boleia dos primos. Havia mais espaço na carrinha de Matt do que no banco de trás de Andrew, mas este tinha dado ordens explícitas a Neil no sábado à noite: ficar na linha de visão de Kevin e mantê-lo interessado no seu potencial. Neil poderia ter argumentado que não havia nada a ganhar em sentar-se atrás de Kevin no carro, mas estava ciente de que agora Dan e Matt confiavam nele para, de alguma forma, ser o elemento aglutinador da equipa. Tinham razão quando diziam que Andrew era a chave. Neil devia continuar nas suas boas graças até encontrar um ponto fraco que pudesse aproveitar, por isso engoliu o desconforto e obedeceu.

Descobriu um novo motivo para se sentir desconfortável quando pararam no parque de estacionamento do estádio. Abby tinha estado fora toda a semana a tomar conta de Allison, mas agora o seu carro estava ali. Isso significava que Allison estava à espera deles no balneário.

No último sábado de manhã, Neil tinha insultado Riko na televisão. Kevin avisou-os de que Riko retaliaria no mesmo dia. As Raposas deviam ter ficado juntas, sem dar nas vistas, mas Allison e Seth decidiram ir correr bares no centro da cidade com amigos. Neil tinha estado com Seth pouco antes de se separarem. Lembrava-se de se ter despedido dos veteranos antes de seguir com Andrew para Columbia. Quatro horas depois, Seth estava morto.

Podia ter sido uma coincidência trágica e um sentido de oportunidade conveniente. Podia ter sido obra de Riko. A segunda hipótese era absurda, mas a primeira era impossível. Allison conhecia os maus hábitos de Seth. Sabia que ele gostava de misturar álcool com fármacos. Neil viu Allison a vasculhar os bolsos de Seth em busca do frasco. Não encontrou nada e afastou a irritação de Seth com um beijo. Mesmo assim, ele sofreu uma overdose que Andrew estava convencido ter tido a mão de Riko.

Há anos que Neil não era diretamente responsável pela morte de alguém, embora soubesse quantas pessoas tinham morrido devido aos esforços da sua mãe para os manter em segurança. Neil nunca quis ser como o pai, mas também não se queria transformar na mãe. Encarnavam dois tipos de insensibilidade diferentes e Neil, apesar de todos os seus problemas em criar laços com outras pessoas, não queria ser um monstro. Mas, a julgar pela forma como a época estava a começar, talvez fosse inevitável que ele ficasse igual aos pais.

Neil precisava de mais tempo para descobrir que teoria lhe parecia mais plausível, mas a sua opinião pouco importava. Se Allison ligasse os pontos e culpasse Neil pela morte de Seth, a convivência



entre os dois tornar-se-ia impossível durante o ano. Neil tinha de dar a volta à situação com ela, mas não sabia por onde começar. Nunca tinha tido muito jeito a conquistar as pessoas. Não seria alguém como Allison o seu primeiro caso de sucesso.

Allison Reynolds fora uma escolha desconcertante para a Palmetto State. Tinha o aspeto de uma princesinha perfeita, mas não se deixava intimidar por ninguém em campo. Recusava-se a ceder aos preconceitos dos outros e a sua sinceridade chegava a ser cruel. Podia muito bem ter herdado o império multimilionário dos pais, mas recusou as grilhetas que essa vida acarretava. Tinha escolhido o direito a ser ela própria. Tinha escolhido provar o seu valor em campo. E, por algum motivo, tinha escolhido Seth, apesar dos seus muitos problemas e afeto rude.

Neil tinha esperança de que ela aprendesse a viver com apenas duas dessas três coisas.

Andrew deve ter sentido a tensão de Neil; estavam sentados ombro com ombro no banco de trás do carro. Seguiu o olhar de Neil na direção do carro de Abby, enquanto Nicky estacionava num lugar um pouco mais abaixo.

— Ela veio — disse Andrew. — Isto vai ser interessante.

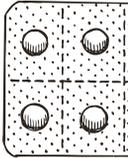
Nicky tirou a chave da ignição.

— Para ti, talvez.

— Sim, para mim. — Andrew riu-se e saiu do carro.

Aaron foi mais lento, por isso Neil seguiu Andrew. Hesitou com uma mão na porta e ficou a olhar para o autocarro das Raposas, que estava estacionado uns dois lugares mais abaixo. Andrew observou-o com um sorriso trocista nos lábios. Neil estava a empatar e ambos sabiam disso.

Irritado, Neil fechou a porta do carro e dirigiu-se para a vedação. Introduziu o código de Abby no teclado de segurança e ficou à escuta do zumbido antes de tentar rodar a maçaneta. Andrew seguiu-o de perto enquanto desciam o corredor, com Kevin logo



atrás, por isso Neil não abrandou o passo. Preparou-se para a possível reação de Allison e entrou no balneário.

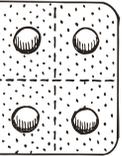
Neil tinha visto Allison no seu melhor, vestida a rigor, com uma maquilhagem e penteado impecáveis. Tinha-a visto acabada de sair do campo, com a cara vermelha, suada e humana. Mas nunca a tinha visto assim.

O cabelo loiro platinado de Allison estava perfeitamente penteado e tudo o que trazia vestido estava na moda e era caro. À primeira vista, parecia que nada tinha mudado, mas bastava um olhar mais atento para perceber que o seu ânimo tinha desaparecido. Estava sentada com os dedos entrelaçados e as mãos fechadas entre os joelhos, os ombros descaídos e a expressão vazia. Os olhos estavam inchados e fixos no chão, aparentemente alheia à chegada dos seus cinco companheiros de equipa.

Andrew seguiu diretamente para o seu lugar no sofá, como se nem sequer tivesse reparado que ela estava ali, mas Aaron e Kevin ficaram paralisados assim que a viram. Neil pensou que devia pedir desculpa ou perguntar se ela estava bem, mas a sua voz estava presa na garganta. Surpreendentemente, foi Nicky quem encontrou forças para atravessar a sala em direção a ela. Agachou-se à frente da colega, num gesto lento, como se pensasse que ela fugiria se ele a assustasse, e encarou-a.

— Olá — disse Nicky, num tom baixo e doce, como se não tivessem passado todo o verão a atacarem-se um ao outro em campo. — Podemos fazer alguma coisa por ti?

Ela não respondeu, mas ouviu-o. Os seus lábios ficaram brancos quando ela os apertou com mais força. Nicky ficou onde estava, numa tentativa de oferecer apoio silencioso ou à espera de que ela se pronunciasse. Allison demorou uma eternidade a mexer-se novamente, mas não olhou para Nicky. O seu olhar pardo e morriço dirigiu-se infalivelmente para Neil, que permaneceu silencioso e imóvel junto à porta do balneário, à espera do seu julgamento.



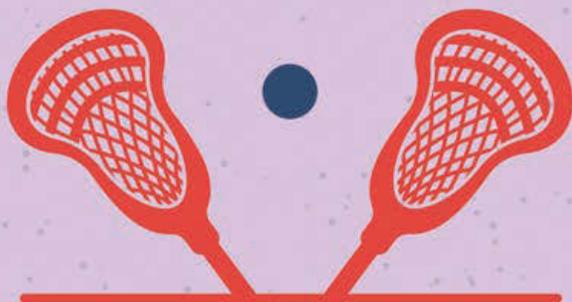
Nunca chegou. Os segundos arrastaram-se, intermináveis e terríveis, e a expressão de Allison não mudou. Não parecia zangada, como ele achava que era seu direito, nem triste, como ele tinha a certeza de que ficaria. Estava simplesmente... ali. Respirava, mas estava inerte, uma marioneta a quem tinham cortado os fios.

Neil foi salvo pela chegada do resto da equipa. Teve de se mexer para não ser atingido pela porta. Dan e Renee avançaram diretamente para o cadeirão onde Allison estava sentada e posicionaram-se nos braços de cada lado. Dan passou o braço em volta dos ombros de Allison, num gesto aparentemente mais vigoroso do que reconfortante, e murmurou algo ao ouvido da colega. Esta virou a cabeça para Dan, absorvendo as garantias que ela lhe dava, e Neil lembrou-se finalmente de como se mexer. Nicky levantou-se quando lhe pareceu óbvio que as raparigas conseguiam lidar com Allison. O resto da equipa instalou-se lentamente na sala.

Tinham chegado todos a horas, mas a ausência de Wymack e Abby era notória. Neil perguntou-se se o treinador se teria atrasado de propósito. A sua ausência afastou a pressão e a realidade do motivo pelo qual estavam ali. Ele estava a dar às Raposas alguns minutos para se adaptarem ao regresso de Allison e ao seu luto. Isso deu-lhes a oportunidade de a verem antes de Wymack forçar a atenção deles para o Exy.

Também lhes mostrou o que iriam enfrentar naquela noite. Allison estava de volta, mas parecia estar a aguentar-se por um fio. Neil não sabia se ela conseguiria recompor-se tempo suficiente para jogar. Se não conseguisse, eles seriam arrasados. A Universidade de Belmonte era uma das escolas mais fortes do seu distrito. Não estava tão bem classificada como Breckenridge, mas seriam adversários igualmente temíveis agora que as Raposas não podiam contar com Seth. Se também perdessem Allison, o jogo acabaria antes mesmo de começar.





## Está na hora de as Raposas enfrentarem os seus maiores rivais, os Corvos.

**NEIL** depositou toda a **confiança** nas **Raposas**, e no seu problemático guarda-redes, tornando-se no único que consegue ultrapassar as **barreiras** de **ANDREW**.

Já **RIKO**, dos rivais **Corvos**, quer destruir a nova e frágil vida de Neil, e as Raposas tornam-se **danos colaterais**. Mas quando Andrew é apanhado na teia, Neil aprende da pior forma a **lutar** por aquilo em que acredita.

É que agora **NEIL** acredita em **ANDREW**, mesmo que **ANDREW** não acredite em si próprio.

**O último desastre das Raposas pode muito bem ser o milagre de que precisam para se unirem como equipa... e família.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

🌐 seekthebutterfly.pt  
📱 secretsocietypt  
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-583-316-0



9 789895 833160

